

ARUANDA - UM JEITO DE CONHECER ENEIDA

Lienilça Câmara

" É o que quero fazer com este meu livro: abrir a minha Aruanda, meu passado, meu presente, para que ela deixe de ser apenas minha e se torne de todos, pois que para mim nada existe de meu: a própria vida é um grande bem coletivo. "

Aruanda e Banho de Cheiro, Eneida de Moraes

Eneida... Meu interesse por ela iniciou-se há pouco tempo, através da leitura do volume 2 da Coleção Lendo o Pará, editado pela SECULT, onde estão suas obras ARUANDA e BANHO DE CHEIRO.

A partir daí foi impossível não desejar conhecê-la melhor... Ler essa duas obras foi conhecer um pouco de Eneida, sua luta em favor dos oprimidos, viver a Belém do Grão Pará dos sobrados e casarões e sentir o cheiro das folhagens e do povo que ela tanto amou e que fez conhecidos dentro e fora do Brasil.

Ainda assim era pouco o que eu sabia dela. Muito pouco... Queria saber mais sobre a mulher que, tendo vivido tão pouco tempo aqui, guardou na memória, na retina e no coração cores, cheiros, sabores, sons e o calor dessa terra que soube amar intensamente.

Fui, então à Biblioteca do Centur na certeza de encontrá-la. E foi um encontro inesquecível! Encontrei-a em suas fotos - como imaginei! - expressando o otimismo que sempre a marcou.

Ao abrir o exemplar de Aruanda, deparei-me com sua dedicatória. Apenas ENEIDA, a mulher livre de todo, até de sobrenome...

O encontro foi na manhã de 23 de outubro deste ano. E, ainda folheando Aruanda, pude saber a data de seu nascimento: 23 de outubro de 1903, em sua amada Belém do Pará. Que feliz coincidência! E foi em Aruanda também, que soube um pouco mais: fora rica na infância e estudara em um internato no Rio de Janeiro. Ao retornar, já adolescente, perdeu, logo depois, sua mãe e amiga.

Na década de 30, Eneida volta ao Rio de Janeiro e entra em contato com o movimento comunista, engaja-se na luta pelos mais fracos - o que lhe custa prisões e desemprego. Em 1949, vai à Europa, onde estuda por um ano.

Após conhecer sua vida nos livros, foi nos jornais que encontrei o inevitável: sua morte. As manchetes da época contam - Belém chora a morte de sua filha, ocorrida no dia 27 de abril de 1971, no Rio de Janeiro. A cidade aguarda, com suas mangueiras tristes sob uma chuvinha fina, a sua chegada, para dar o último passeio pelas ruas que tanto amou, para " viajar a sua cidade " como ela tantas vezes dissera. E, finalmente, descansar o seu corpo nessa terra, para " dar seiva às mangas do Cemitério de Santa Isabel, todo arborizado de mangueiras ". As mangueiras que, com certeza, também florescem na sua ARUANDA - onde há " um cheiro violento de terra e de liberdade ".

Lienilça Câmara - aluna da turma 3LENI do Curso de Letras da UNAMA.